



O Crescimento do Sector da Industrial e  
de Serviços e o Modelo de Oferta  
Ilimitada de Mão-de-obra no Pós-Crise  
Financeira Internacional

*Estêvão Licussa e José Guamba*

Conference Paper nº 38

**III CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO IESE**

**“MOÇAMBIQUE: ACUMULAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO EM CONTEXTO DE CRISE INTERNACIONAL”**

(4 & 5 de Setembro de 2012)

# **O Crescimento do Sector da Industrial e de Serviços e o Modelo de Oferta ilimitada de mão-de-obra no pós-crise Financeira Internacional.**

Por: Estêvão Júlio Licussa e José Manuel Guamba

(Assistentes Universitários - UEM)

## **1. INTRODUÇÃO**

O objectivo deste trabalho de pesquisa é analisar o comportamento da indústria e do sector terciário em crescimento acelerado na economia mocambicana, na optica do modelo de oferta ilimitada do trabalho.

O modelo de desenvolvimento com oferta ilimitada de mão-de-obra, elaborado inicialmente por Arthur Lewis (1954) e reelaborado com um maior grau de formalização por J. Frei e G. Renis (1964), parte do pressuposto inicial de que existe nos países em desenvolvimento uma estrutura económica dual. O desenvolvimento é visto, como um processo no qual o sector industrial moderno se expande de forma a absorver, progressivamente, o excedente de mão-de-obra do sector agrícola tradicional e, no caso de Moçambique também a mão-de-obra que desenvolve actividades no sector informal.

Dessa forma, o desequilíbrio inicial entre os dois sectores seria restaurado basicamente através das transferências de mão-de-obra, as quais continuariam a ocorrer até o esgotamento da oferta ilimitada da força do trabalho agrícola e do sector informal. A partir desse ponto, as curvas de oferta de mão-de-obra deixariam de ser infinitamente elásticas e qualquer transferência adicional de mão-de-obra reduziria a produção agrícola e o rendimento no sector informal e elevaria o salário no sector industrial e de serviços. Esse ponto marcaria assim o fim da economia dual.

Assim, da industrialização e do crescimento do sector terciário, esperava-se um papel dinâmico, tanto como gerador quanto como indutor do emprego, e que se constituísse no sector produtor de bens de substituição de importações. Com isso os países em desenvolvimento aprimorariam a capacidade de absorção de mão-de-obra e, conseqüentemente, alcançariam um nível de renda mais elevado e uma redução do seu nível de pobreza. Basicamente com base em dois sectores - capitalista e de subsistência que se comporta da forma seguinte:

- O sector capitalista é a parte da economia que utiliza capital reprodutível e que remunera os capitalistas pelo seu uso;
- O sector de subsistência é por exclusão, toda a parte da economia que não utiliza capital reprodutível;
- A medida que o capital cresce, teoricamente os trabalhadores do sector de subsistência vão se deslocando para o sector capitalista e por isso:

- Aumenta o emprego no sector capitalista;
- Aumenta o produto *per capita* da economia;
- Reduz-se o sector de subsistência;
- Tendência a esgotar a oferta ilimitada do trabalho.

Este artigo vai essencialmente debruçar-se sobre:

- ✓ Análise da taxa de crescimento da população activa e do emprego;
- ✓ Análise do grau de absorção da população rural e do sector informal pela indústria e serviços;
- ✓ Alternativas emprego de MO excedentária.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: A Introdução caracteriza dumam formageral o alinhamento dos assuntos a serem tratados. A parte do Referencial Teórico busca o arcaboço da literatura sobre o argumento da oferta ilimitada de mão-de-obra. Segue-se a especificação do modelo em estudo para finalmente analisar-se a realidade moçambicana.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE A OFERTA ILIMITADA DE MÃO- DE-OBRA

É inquestionável que a produção e a produtividade do trabalho constituem factores catalisadores do crescimento de qualquer economia. Para o Plano de Acção para a Redução da Pobreza (PARP)<sup>1</sup>, a estratégia de médio prazo, o objectivo de combate à pobreza tem como fundamento principal a promoção da cultura de trabalho com vista a atingir o crescimento económico inclusivo e a redução da pobreza e a vulnerabilidade no País. Contudo, para o alcance destes objectivos numa situação de crise generalizada da economia mundial requer engenho e arte para desenhar-se um modelo de força de trabalho com habilidades requeridas, com valores morais imaculadas e ética e deontologia profissionais adequadas alicerçadas numa compensação material e espiritual à altura dos resultados da sua actividade laboral. A crise acima referida através dos seus aspectos inflacionários que leva a insolvência financeira, corrói de forma firme e permanente os aspectos mencionados favorecendo condições férteis para o abandono de postos de trabalho por parte dos empregados para resolver problemas de aumento do rendimento e por conseguinte a diminuição da produção e da produtividade.

Já no século XVIII Adam Smith<sup>2</sup> dizia que “nenhuma sociedade pode ser florescente e ser feliz, se a grande maioria de seus membros forem pobres e miseráveis. Além disso, manda a justiça que aqueles que alimentam, vestem e dão alojamento ao corpo inteiro da nação, tenham uma participação tal na produção de seu próprio trabalho, que eles mesmos possam ter mais do que alimentação, roupa e moradia apenas sofrível”

O modelo de desenvolvimento com oferta ilimitada de mão-de-obra, elaborado inicialmente por W. Lewis (1954) e reelaborado com um maior grau de formalização por L. Frei e G. Ranis (1964), parte do suposto inicial de que existe nos países em desenvolvimento uma estrutura económica dual. O desenvolvimento é visto, como um processo no qual o sector industrial moderno se expande de forma a absorver, progressivamente, o excedente de mão-de-obra do sector agrícola tradicional.

Dessa forma, o desequilíbrio inicial entre esses dois sectores seria restaurado basicamente através das transferências de mão-de-obra, as quais continuariam a ocorrer até o esgotamento da oferta ilimitada da força de trabalho agrícola e do sector informal. A partir deste ponto, as curvas de oferta e de mão-de-obra deixariam de ser infinitamente elásticas e qualquer transferência adicional de mão-de-obra reduziria a produção agrícola e elevaria o salário no sector industrial. Esse ponto marcaria assim o fim da economia dual.

Em suma, da industrialização esperava-se um papel dinâmico, tanto como gerador quanto como indutor de emprego, e que se constituísse no sector produtor de bens substitutivos de importação. Com isso os países em desenvolvimento aprimorariam a

---

<sup>1</sup> Parafraseado do excerto do PARP 2011-2014 de 3 de Maio de 2011, pag. 5

<sup>2</sup> Carlos Aguiar de Medeiros citando Adam Smith, A Riqueza das Nações, [1776], Abril Cultural, 1983, Vol. 1, pag. 101 no seu -Texto preparado para o Seminário, Salário Mínimo e Desenvolvimento Económico, 28 e 29 de Abril de 2005, Instituto de Economia Unicamp

capacidade de absorção de mão-de-obra e, conseqüentemente, alcançariam tanto um nível de renda mais elevado quanto uma redução no seu nível de pobreza.

A despeito das críticas surgidas, este modelo teve um impacto significativo nas estratégias de desenvolvimento dos países em desenvolvimento. Dada a insatisfação reinante em vários desses países durante os anos 50 e início dos anos 60 com o desempenho das actividades agrícolas tradicionais, o modelo da oferta ilimitada de mão-de-obra, centrado no sector industrial como actividade líder do processo de desenvolvimento apresentava uma justificação teórica para aquilo que vários daqueles países estavam fazendo ou planificando fazer. Isto é, expandir a actividade industrial particularmente na área de substituição das importações.

Decorrido um período de tempo relativamente longo desde a década de 50, o que se constata, é a existência de um contingente significativo de trabalhadores desempregados e subempregados nos centros urbanos da grande maioria dos países em desenvolvimento. O que se propõe aqui seria, então, uma avaliação mais detalhada do modelo antes descrito, largamente utilizado como estratégia para desenvolver economias com excedentes de mão-de-obra. A questão relativa à absorção de mão-de-obra tem sido tratada frequentemente e se constitui em apenas uma entre as relevantes questões referentes a crescimento e distribuição do rendimento nos países em desenvolvimento.

Segundo Lewis (1979) os clássicos de Smith a Marx “supunham e aceitavam que se verificava uma oferta ilimitada de mão-de-obra (MO) a salários de subsistência” e “o aumento da produção encontrava resposta na acumulação do capital explicada na distribuição do rendimento, ou seja para eles a distribuição e o crescimento eram determinados simultaneamente com os preços relativos de bens. Este interesse pelos preços e pela distribuição do rendimento permaneceu na era neoclássica mas havia limitação da oferta de mão-de-obra e a expansão económica era vista como algo automático. Por seu turno os países asiáticos apresentavam-se com a oferta de trabalho ilimitada mas nem por isso a expansão económica estava garantida e a preocupação sobre que tipo de economia serviria para ilustrar os problemas com excedentes populacionais prevaleceram.

Keynes citado por Lewis faz referência não só à oferta limitada da MO mas também à oferta ilimitada do capital e da terra no curto prazo no sentido de que superada a restrição monetária, o constrangimento real à expansão não está nos recursos físicos, mas na oferta limitada do trabalho ou seja a expansão vê-se interrompida não pela escassez mas por uma poupança tornada cada vez mais supérflua.

Baseando-se em Lewis supondo que a oferta de trabalho é um argumento útil pode-se dizer que ela existe nos países onde a população é numerosa em relação ao capital e os recursos naturais e existem amplos sectores da economia em que a produtividade marginal do trabalho é ínfima, nula ou mesmo negativa (mendigos convencidos, trabalhadores ociosos). Esta situação manifesta-se pela existência de um desemprego “disfarçado” nos casos em que a propriedade familiar é tão pequena que se alguns membros obtivessem outras ocupações, os demais poderiam continuar a cultivar a terra do mesmo modo (no caso de Gaza – Macia, Mazivila, Madzucane e Maivene, Inhambane – Maxixe, Homoine, Funhalouro e cidade de Inhambane - as famílias

trabalham uma pequena machamba ou vende no bazar ou na rua e o resto fica a espera dos resultados do trabalho de uma pessoa) ou no caso de trabalhadores eventuais tais como carregadores do porto, carregadores de malas, os biscateiros ( exemplo dos guardas de carros e dos voluntários para ajudar a carregar o(s) saco(s) dos compradores nos bazares) entre outros onde o número de trabalhadores é muito maior do que necessário e cada trabalhador ganha muito pouco com esse trabalho eventual. Poder-se-ia empregar metade desses trabalhadores sem que o produto do sector diminuísse.

No caso de vendedores ambulantes onde cada pequeno comerciante só efectua algumas vendas, os mercados estão repletos de numerosas tendas de reduzidas dimensões (retalhistas de retalhistas – vendedores de calamidades, gelinhos, quinquilharia diversa) onde em vez de facilitar, complicam a vida dos consumidores com margens especulativas e propagandas enganosas de produtos contrafeitos.

Outro grupo não menos numeroso inclui os trabalhadores não auto empregados que recebem o salário mas que não excede a sua produtividade marginal dentre outros estão os trabalhadores dos serviços domésticos em que o padrão ético é de tal modo elaborado que se torna conveniente que cada pessoa ofereça maior quantidade possível e a linha de separação entre empregados e indivíduos economicamente dependentes do patrão é quase imperceptível (Numerosos empregados domésticos e familiares com dificuldades financeiras, guardas das casas, quintas, obras etc. ), que o prestígio social de possuir um grande exército de empregados representa nada mais, nada menos do que uma pesada carga financeira não só nos serviços domésticos mas em todos os sectores, onde a manutenção desta força de trabalho cuja produtividade marginal é ínfima é um dever moral.

Neste quadro podemos afirmar que a oferta da força de trabalho é “ ilimitada” e há espaço para criação de novas empresas ou ampliar-se as antigas sem limites dos salários existentes (novas fontes de emprego).

Lewis amplia a sua questão para a seguinte: quais seriam os sectores onde haveria trabalho adicional disponível no caso de criação de novas indústrias que oferecessem emprego a salários de subsistência? E a resposta não tarda a surgir (não excluindo os camponeses, os biscateiros, os pequenos comerciantes e os criados – domésticos e comerciais).

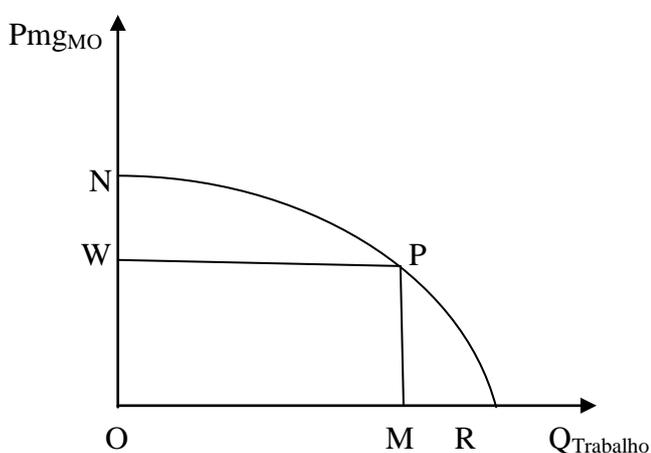
Lewis (1979) menciona as esposas e as filhas onde o emprego fora da casa depende dum grande número de factores (religiosos e convencionais e tradicionais se quisermos) que não podem ser vistos como uma questão de oportunidade de emprego (a maioria dessas questões estão a ser ultrapassadas – igualdade do género, emancipação da mulher etc.). “A transferência das mulheres das suas casas para os trabalhos comerciais é um dos traços mais notáveis do desenvolvimento económico pois o que produzem em casa pode ser realizado muito melhor e mais barato fora de casa graças às economias de escala de especialização e utilização de capital (trituração de grãos, colecta de água no rio ou fonte, confecção de tecidos e roupa, preparação da comida, ensino às crianças e atendimento aos doentes) ” e uma das maneiras de aumentar o rendimento nacional consiste em criar novas fontes de ocupação das mulheres fora da casa;

Outra fonte de expansão para a indústria é o aumento da população resultante de excedente de nascimentos em relação à mortalidade ( Taxa crescimento da população 2,8% em Moçambique) de modo que leva a expansão do capital e aumento do emprego sem aumento dos salários reais (pensamento Ricardiano);

Marx cita uma terceira fonte de trabalho gerado pela composição orgânica do capital resultante das invenções e inovações tecnológicas que não só reduzem o emprego pela substituição de MO pela maquinaria como também os pequenos capitalistas e empregos autónomos que não podiam competir com empresas de grande dimensão que desfrutam de lucros de economias de escala.

Então aglutinando todas as fontes citadas – camponeses, trabalhadores eventuais, pequenos comerciantes, empregados domésticos, mulheres aumento demográfico e modernização do processo de produção torna-se claro que numa economia superpovoada pode-se verificar enorme expansão de novas indústrias ou novas oportunidades de emprego sem que se verifique escassez de oferta de trabalho o que equivale a dizer que a oferta de trabalho é praticamente ilimitada. (Isto aplica-se ao trabalho não qualificado pois o qualificado é referido por Marshall como quase “estrangulamento” – por ser temporário – pois os verdadeiros estrangulamentos são o capital e os recursos naturais).

Nessas circunstâncias, com base na lei das proporções ao se dispor do pouco capital e da oferta ilimitada de MO então os patrões só se empregariam trabalhadores até o ponto onde a produtividade marginal fosse igual a zero ou seja no ponto **R** da figura abaixo, mas na prática eles empregam onde o salário igual a de sobrevivência, ponto **M** conforme se evidencia abaixo:



Os outros trabalhadores (**MR**) encontram-se fora deste sector e ganham o que podem noutro sector de sobrevivência da economia. O modelo abaixo tenta aclarar melhor este assunto.

### 3. MODELO DE DESENVOLVIMENTO COM OFERTA ILIMITADA DE MAO-DE-OBRA, DE ARTHUR LEWIS

“O Crescimento do sector da Industrial e de Serviços e o Modelo de Oferta ilimitada de mão-de-obra na pós-crise Financeira Internacional” constituem-se num tema que procurará fazer alguns questionamentos com recurso aos instrumentos estatísticos e elaboração de um modelo de variáveis dinâmicas sobre a sociedade moçambicana integrada neste vector mundial da crise e de como os diversos membros de estratos sociais nomeadamente os empregadores, os trabalhadores e o Estado poderão equacionar e conduzir as suas ansiedades na participação no florescimento da sociedade moçambicana. Sendo o tema inspirado na produtividade é inegável sorver os conhecimentos clássicos e neoclássicos dos precursores marginalistas e estudiosos da riqueza e bem-estar.

Modelo de Analise

- Hipótese da oferta ilimitada do trabalho:

- A oferta de trabalho ilimitada onde a população é excessiva em relação ao capital e aos recursos naturais explorados;
- Situação em que a produtividade marginal do trabalho é muito baixa, nula ou mesmo negativa;
- Preço do trabalho corresponde ao nível de subsistência.

Acredita-se, porém, que, ao basear-se a análise no modelo de Lewis, Frei e Ranis, estar-se-ia cobrir uma lacuna em termos dos estudos já realizados sobre o complexo inter-relacionamento entre emprego e crescimento industrial e de serviços em Moçambique. Poder-se-ia argumentar que dificilmente o crescimento apenas dos sectores industrial e de serviços seria capaz de absorver a grande maioria da população activa do País.

Suponhamos, inicialmente, que a produção<sup>3</sup> (Q) obtida a partir da utilização dos factores capital (K) e mão-de-obra (L) pode ser formalmente representada da seguinte maneira:

$$Q = f(K,L) \quad (1)$$

A expressão (1), ao mostrar a produção máxima passível de ser obtida a partir de diferentes combinações dos insumos, é denominada função de produção, Admite-se, em geral, que a função de produção satisfaz as seguintes propriedades:

a)  $f(0,0) = f(K,0) = f(0,L) = 0$ :

---

<sup>3</sup> Extraído do artigo “Crescimento industrial e o modelo de oferta ilimitada de mão de obra: caso brasileiro” de Paulo Sérgio Martins Alves - 1986

Assume-se que os factores de produção são necessários em quantidades positivas. Isto é, sem insumos não há produção;

$$b) \frac{\partial Q}{\partial K} = f_K > 0 \quad e \quad \frac{\partial Q}{\partial L} = f_L > 0:$$

As produtividades marginais do capital e da mão-de-obra, que representam as taxas de mudanças na produção total em relação a cada factor, são sempre positivas;

$$c) \frac{\partial^2 Q}{\partial K \partial L} = f_{kl} = f_{lk} = \frac{\partial^2 Q}{\partial L \partial K}$$

As derivadas parciais da função apresentam valores idênticos (teorema de Young), na medida em que a função de produção é contínua;

$$d) \begin{vmatrix} f_{kk} & f_{kl} \\ f_{lk} & f_{ll} \end{vmatrix} < 0$$

A matriz hessiana é negativamente definida. A condição necessária e suficiente para tal é que:  $f_{kk} < 0$

$$> 0 \quad \text{ou} \quad \begin{vmatrix} f_{kk} & f_{kl} \\ f_{lk} & f_{ll} \end{vmatrix}$$

$$f_{kk} < 0; \quad f_{ll} < 0; \quad f_{kk} * f_{ll} - (f_{kl})^2 > 0$$

O que implica que a produção marginal está decrescendo. A isto se denomina lei da produtividade marginal decrescente.

Finalmente deve-se acrescentar às propriedades até então descritas o suposto que a isoquanta relativa à produção de bens e serviços é convexa.

Diferenciando-se a expressão (1) e fixando  $\partial Q = 0$ ; temos:

$$f_k \partial K + f_l \partial L = 0 \quad (2)$$

A taxa marginal de substituição técnica entre os factores capital e trabalho, que denominamos por MRS, consiste na variação da quantidade do factor capital em relação ao factor trabalho ao longo da isoquanta. Dessa forma tem-se de (2) que:

$$\text{MRS} = \frac{\partial K}{\partial L} = - f_l / f_k \quad (3)$$

A expressão (3) mostra, a taxa de acréscimo no factor trabalho necessária para se manter o mesmo nível de produção a partir de uma diminuição do factor capital. A convexidade é mantida se:

$$\partial^2 K / \partial L^2 > 0$$

De (3) segue-se que:

$$\partial^2 K / \partial L^2 = (f_k \cdot f_{ll} - f_l \cdot f_{kl}) / f_k^2 = (f_l \cdot f_{kl} - f_k \cdot f_{ll}) / f_k^2$$

Para que:

$$\partial^2 K / \partial L^2 > 0$$

é necessário que,

$$(f_l \cdot f_{ll} - f_k \cdot f_{kl}) / f_k^2 > 0$$

e para tal que

$$f_l \cdot f_{kl} - f_k \cdot f_{ll} > 0$$

O que é assegurado pelos axiomas descritos acima.

Até este momento, está implícito na expressão (1) que a função de produção utiliza variáveis relativas a dado período de tempo. Contudo, na medida em que o tempo passa, a função de produção pode se alterar em razão das inovações tecnológicas independentemente do estoque de capital ou do número de pessoas empregadas.

O progresso tecnológico pode representar a influência do "aprendizado no trabalho", "melhor capacitação em gestão", etc.

Para se levar em conta essas relações dinâmicas vamos modificar a função de produção explicitada em (I) e considerar o tempo (t) como uma variável endógena.

A expressão (I) se transforma, em:

$$Q = f(K, L, t) \quad (4)$$

O impacto da inovação em termos da produção pode ser obtido, através da diferenciação de (4) em relação ao tempo; tal magnitude pode ser denominada de Intensidade da Inovação.

Dessa forma, a intensidade da inovação mede o acréscimo na produção devido unicamente à passagem de uma unidade de tempo. Decorre apenas de mudanças no estado das artes ao longo do tempo e se constitui, então, em um índice que mensura a intensidade dos efeitos da mudança tecnológica no acréscimo da produção.

Uma importante equação de crescimento pode ser derivada da função de produção expressa em (4), isto é a taxa de crescimento do produto marginal do trabalho; a qual pode ser obtida através da diferenciação de:

$w = fl = f(K, L, t)$  com relação a variável  $t$ :

$$\frac{\partial w}{\partial t} = \frac{\partial fl}{\partial t} = f_{ll} \frac{\partial L}{\partial t} + f_{lk} \frac{\partial K}{\partial t} + f_{lt}$$

ou

$$nw = nfl = (\partial fl / \partial t) / fl = (f_{ll} \cdot L / fl) * nl + (f_{lk} \cdot K / fl) * nk + flt / fl$$

$$nw = - Ell \cdot nl + Ell \cdot nk + Hl \quad (5)$$

$n$  – e a taxa de crescimento do produto marginal do factor trabalho

$nw$  – e a taxa de crescimento do salário

$Hl = flt / fl$  - representa o acréscimo no produto marginal do trabalho no Tempo,

$Ell$  - representa o decréscimo percentual no produto marginal do trabalho por unidade de acréscimo percentual na força do trabalho, mantendo constantes *stock* de capital.

O crescimento da taxa salarial ( $nw$ ) exerce uma influência negativa na taxa de crescimento do emprego ( $nl$ ); o que fará com que a taxa salarial permaneça constante de forma que  $nw = 0$ .

Se  $nw = 0$ , significa que o ritmo de absorção da mão-de-obra pelos sectores industrial e de serviços será menor que a taxa de crescimento da população activa, continuando por um longo tempo o sistema com uma oferta ilimitada de mão-de-obra.

Carlos Aguiar de Medeiros (2005)<sup>4</sup> afirma que Adam Smith (1776)<sup>5</sup> observou que “os salários dos trabalhadores manuais deveriam por uma questão de justiça estar acima das condições mínimas de subsistência (alimentação, vestiário, moradia), e com esta afirmação introduziu uma dimensão ética de distribuição do rendimento e a formação dos salários”. Ora para os capitalistas os lucros e os juros do capital, dada uma estrutura técnica de produção são inversamente proporcionais aos salários tornando a distribuição do rendimento um terreno fértil de conflitos e não de harmonia e a barganha ganha espaço na determinação dos salários. Como resultado de desigualdade das forças (patrões com vantagem de ser possuidores da riqueza e trabalhadores desorganizados) os salários tendem a limitar-se ao mínimo necessário para sobrevivência.

---

<sup>4</sup>Professor do Instituto de Economia da Universidade Federal de Rio de Janeiro elaborou um texto para seminário com o título de salário mínimo e desenvolvimento económico que decorreu de 28 a 29 de Abril de 2005 no Instituto de Economia Unicamp.

<sup>5</sup>Riqueza das Nações

A desigualdade ao acesso às condições básicas de socialização, educação, e as discriminações por gênero e raça levaram a formação de grupos não competitivos e a uma desvalorização do trabalho externo ao mercado do trabalho e ainda as instituições formais e informais do mercado de trabalho levaram por razões internas à sua estrutura a uma desvalorização do trabalho não qualificado. Assim por razões endógenas e exógenas do mercado levam amplos grupos de força de trabalho a uma armadilha de pobreza, baixa qualificação e baixos salários. Essa armadilha leva a uma reflexão sobre a importância da generalização do *living wage*<sup>6</sup> cuja premissa é de que “ninguém que trabalha deve criar a sua família na pobreza”.

Medeiros (2005) postula que as migrações e desemprego para além de serem provocados pela formação do salário, o hiato do rendimento entre as actividades de subsistência e os salários urbanos fazem com que a oferta dos trabalhadores já que os trabalhadores de actividades de subsistência calculam a probabilidade de aumentar o rendimento migra para a cidade elevando desta forma a taxa de desemprego.

Para Arthur Lewis (1954)<sup>7</sup>, citado por Medeiros (2005) Nas economias em desenvolvimento, devido a existência de uma imensa parcela da população vinculada à uma economia de subsistência, o salário urbano fixado acima do nível de subsistência rural – gerava uma oferta ilimitada de mão-de-obra.

A alternativa seria o crescimento do emprego moderno urbano que absorvesse o subemprego ou a modernização da agricultura que resultasse na elevação do rendimento da população ali empregada. Contudo, esta oferta ilimitada de mão-de-obra no mercado desregulado das economias atrasadas enquadra-se de forma precária na economia internacional face a concorrência pela corrida para os preços mais baixos e o padrão de consumo insere-se numa “corrida para baixo”

Para Medeiros (2005) a Reforma Agrária ... provocaria a elevação da produtividade a agricultura fundamental para a redução dos preços dos alimentos, elevação dos rendimentos dos produtores rurais e criam-se assim as condições favoráveis para a estabilidade de emprego e modernização do campo.

---

<sup>6</sup>Movimento que surgiu nas grandes cidades americanas como reacção ao baixo valor do salário mínimo – ver Pollin, R; Luce, S. 1998, *The living wage, Building fair Economy*, The New York Press, Nova Iorque

<sup>7</sup>Lewis, Arthur (1954) “Economic Development with Unlimited Supplies of Labour” The Manchester School, May.

#### 4. OFERTA ILIMITADA DE MÃO-DE-OBRA EM MOÇAMBIQUE

Para o Banco de Moçambique<sup>8</sup> citando INE (Dezembro de 2011) as expectativas de emprego em 2011 foram favorecidas pelo crescimento de confiança positiva do sector empresarial nos sectores de alojamento, restauração, indústria, transportes e de construção.

Estatísticas mostram que os desempregados em Moçambique são mais de 16% da população activa e a maioria reside no sul do país, indicam dados de INE e revelam que 24 por cento da população moçambicana com mais de 15 anos de idade, residente na zona sul do país, não tem emprego.

O grupo populacional feminino urbano representa 34 por cento dos desempregados do país, contra pouco mais de 22 por cento dos homens, situando-se ainda acima dos homens sem emprego nas zonas rurais, com uma taxa de 12,8 por cento.

Os dados referentes à taxa de desemprego populacional entre os anos 2004/05 indicam ainda que 30,8 por cento dos desempregados no país possuem o nível secundário de escolaridade, enquanto 25,6 por cento concluiu o nível primário do segundo grau, o equivalente ao 7º ano.

Por outro lado, 14,7 por cento dos desempregados frequentou o nível primário do primeiro grau, o correspondente ao 5º ano de escolaridade, e 11,4 por cento destes não possui nenhum grau de formação académica.

##### a. Camponeses

A projecção para os anos de 2020, 2030 e 2040 apontam para 66,13%, 63,1% e 59,8% de população continuará a ser rural ou seja a maioria das pessoas continuarão, se tudo permanecer constante, a ser excluídas de acesso ao trabalho com o salário diferente da de subsistência.

##### b. Trabalhadores eventuais.

Os guardas e limpadores dos carros, o enorme exército de jovens que trabalham nas casas, lojas, quintas e outras locais, os carregadores de sacos de produtos nos bazares e tantos outros que se oferecem a fazer qualquer coisa a qualquer preço são um grupo de reserva de emprego.

---

<sup>8</sup>Banco de Moçambique Janeiro 2012 – Boletim Mensal de Conjuntura, Departamento de Estudos Económicos e Estatística – Maputo, Fevereiro de 2012.

#### c. Pequenos comerciantes

A cidade de Maputo estimava há anos cerca de 25000 vendedores só na Baixa<sup>9</sup>. Esta cifra representa de 2% da população da urbe que apesar de estimado por defeito pode facilmente ser replicada pelas cidades (43), vilas e localidades.

#### d. Empregados domésticos, guardas

Tomando como base a população não pobre de Moçambique (cerca de 44,7%)<sup>10</sup> Com a média de 4,1 pessoas<sup>11</sup> por família, adicionando um (a) empregado(a) e um guarda de residência ou condomínio então podemos estabelecer um rácio de 2/6,1 ou seja 14,75% da população está como empregado numa família de forma directa ou indirecta (ajudar a tomar conta de um familiar pobre).

#### e. Mão-de-obra feminina

As mulheres constituem maior percentagem da população. Deste universo apenas pequena percentagem está empregada sendo a maioria doméstica por razões diversas desde a discriminação simples até o atendimento das crenças de índole tradicional e/ou religiosa.

#### f. Aumento demográfico

A população de Moçambique em 2007 é de 21397000 habitantes dos quais 11012000 são de sexo masculino (51,5%) a idade média é de 17,4 anos e a taxa de natalidade é de 38,2 por 1000 e a taxa de mortalidade é de 20,3. A taxa de fecundidade é de 5,2 (2009). Neste quadro a população em Moçambique irá crescer a uma taxa de 2,8% ao ano estando prevista a duplicação da actual cifra no ano de 2040 quando a cifra atingir 46 milhões de habitantes.

#### g. Inovação Tecnológica

Analisados os três grandes projectos; a Mozal com capital investido de cerca de 2 biliões de dólares possui um universo de 1150 trabalhadores e o rácio do capital trabalho é de 1.739.130,43 USD/trabalhador. A empresa Rio Tinto, mostra um rácio ainda maior de 1.977.186,31 USD/trabalhador com 263 empregados estimando expandir até 1240 colaboradores até 2015 (O capital investido è de 520.000.000,00 USD) e o rácio cai ligeiramente para a VALE: 928,571,43USD/trabalhador com 1400 colaboradores (1,3 biliões de dólares).

Este regime empresarial de capital intensivo não alinha com a explosão demográfica da população activa. O emprego formal absorve apenas 129.758 pessoas<sup>12</sup>. Adicionados a

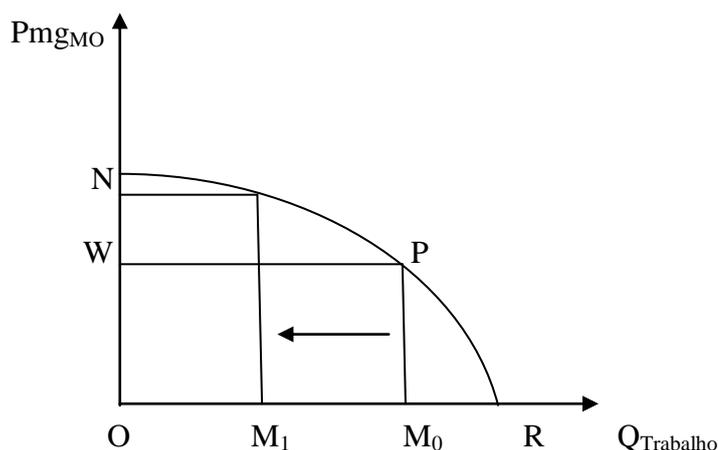
<sup>9</sup>Jornal Notícias de 23 de Julho de 2009

<sup>10</sup>Inquérito do Agregado familiar 2002-03

<sup>11</sup>Jacinto Chiconela – Estimativas e perfil da Pobreza em Moçambique, Outubro 2004 Ministério do Plano e Desenvolvimento

<sup>12</sup>Anuário Estatístico 2010 - INE

estes estão 32.571 trabalhadores que emigram para o exterior. Ambos adicionados não excedem 0,73%. O Estado é o maior empregador unitário com 247.000 funcionários<sup>13</sup>. Estas estatísticas mostram que a maioria dos potenciais trabalhadores é absorvido pelo auto emprego ou outra formas de emprego informal constituindo uma ainda maior oferta ilimitada de MO deslocando os níveis de emprego de MO para esquerda conforme o esquema abaixo.



$M_0$  representa a mão-de-obra “prevista” pelo modelo de Lewis e que é suposta a ser absorvida pelo sector moderno e o segmento entre  $M_0$  e  $M_1$  a parte adicional de MO que o diminuto sector moderno impossibilita a implementação natural do modelo. O segmento O - $M_0$  (emprego formal) pelas estimativas representam menos de 5% do total de massa laboral.

<sup>13</sup>Ministra da Função Pública para o Telejornal da TVM dia 31 de Agosto de 2012, 20.00 horas.

## 5. EMPREGO E ALTERNATIVAS DE EMPREGO

### a. Nível de absorção de MO pelo sector de Indústria e serviços;

O sector industrial tem como base as dinâmicas actuais do crescimento da indústria extractiva e de grandes projectos que usam o capital intensivo que absorve pouca MO e esta é altamente especializada.

O sector de serviços com excepção do turismo de lazer está alinhada a esses grandes investimentos e está condenada a trilhar pelos mesmos caminhos de modernização e elevação da sua composição orgânica.

Desta forma a absorção de MO a ser oferecida anualmente é pouco provável.

### b. *Empowerment*<sup>14</sup> das Pessoas

Um das formas de activar o *empowerment* dos nacionais seria a promulgação de Leis que tornasse obrigatória a participação de nacionais nos novos investimentos de investimento directo estrangeiro. Ao mesmo tempo que dever-se-ia implementar de facto a alienação aos trabalhadores dos 20% reservados para eles no âmbito das privatizações das empresas do Estado, facilitando o pagamento das suas acções através dos créditos bancários ou dos fundos semelhantes ao de FIIL (fundo de investimento de iniciativa local).

### c. Implantação Massiva de Pequenas e Médias Empresas

O sector industrial de capital intensivo necessita “fauna acompanhante” para o desenvolvimento das suas actividades. As pequenas e médias empresas são ideais para o fornecimento de bens e a prestação de serviços e, além disso o franco crescimento da economia nacional, a galopante procura interna e externa apresentam-se como condições ideais para implementação de políticas laborais de absorção demão-de-obra que se afigura abundante.

### d. Modernização do Processo de Produção no Campo;

A modernização do processo de produção nas zonas rurais apresenta-se como a melhor alternativa para a absorção de mão-de-obra excedentária, para a elevação do rendimento das famílias e torna os preços de alimentos e outros produtos agrícolas mais acessíveis.

O agroprocessamento acondiciona os produtos do campo garantindo a sua conservação eliminando os desperdícios de produtos altamente perecíveis e favorece a sua colocação a preços de mercado nos períodos de relativa escassez.

---

<sup>14</sup>Forma institucional de fornecer o poder económico às pessoas

A modernização da pecuária através de implementação de *feedlots*<sup>15</sup> pode alavancar tanto a produção de gado para o corte como o processamento do leite e seus derivados.

Outro sector de extrema importância é a avicultura cuja produção tem uma alta rotatividade. Neste momento apesar de haver condições climáticas para a sua expansão, o consumo destes bens depende em grande medida da importação do exterior.

A produção de *L'Or blanche*<sup>16</sup> que já representou 30% do Produto Global durante muitos anos era consumida pela indústria metropolitana e a retoma da sua produção e processamento pode constituir um passo gigantesco para a industrialização das zonas rurais e forma de elevação do rendimento no campo pois preço pago pelos tecidos de algodão é uma fortuna<sup>17</sup>.

Moçambique já foi o maior produtor mundial de castanha de caju. Dados<sup>18</sup> recentes indicam que a produção desta cultura de rendimento absorve mais de 1,4 milhões de famílias. Estudos conduzidos recentemente revelam que mais de 50% da produção actual circula pelo sector informal que urge legalizar e potenciar técnica e financeiramente sobretudo na área de processamento.

Entre outras culturas de rendimento o tabaco, os cereais, as oleaginosas, as hortícolas podem ser incluídas no rol das prioridades contribuindo assim para a absorção de MO.

Dado elevado número de desemprego a formação técnico profissional, a implementação das incubadoras das empresas, o desenvolvimento do empreendedorismo com vista ao auto emprego pode ser uma via de curto prazo para absorção a oferta ilimitadíssima do trabalho em Moçambique.

## BIBLIOGRAFIA:

- Anuários Estatísticos dos anos 1991 até 2010, INE;
- Centro de Estudos Africanos da universidade Eduardo Mondlane -Ouro Branco – algodão – Cotton Production in Mozambique – a survey 1937/1979;
- Chiang, A. Fundamental methods of mathematical economics, Tokyo, Kogakusha, 1967;
- Frei, J. & Ranis, G. Development of the labour surplus economy - Homewood, Richard D. Irwin, 1964;

---

<sup>15</sup>Criação de gado em cativeiro

<sup>16</sup>Ouro branco – algodão – Cotton Production in Mozambique – a survey 1937/1979 -Centro de Estudos Africanos da universidade Eduardo Mondlane

<sup>17</sup>Algodão em Moçambique e sua Influência nos Agregados Macroeconómicos, Licussa, Estêvão Júlio 2005, Maputo

<sup>18</sup>Conferência de Divulgação do Plano Director do Caju – Instituto de Fomento de Caju (INCAJU) Ministério de Agricultura, Maputo, Dezembro de 2011

- Jacinto Chiconela – Estimativas e perfil da Pobreza em Moçambique, Outubro 2004 Ministério do Plano e Desenvolvimento;
- Jornal Notícias de 23 de Julho de 2009;
- Lewis, W. Economic development with unlimited supplies of labour. Manchester School, Manchester, 22(2):139-91, 1964;
- Licussa, Estêvão Júlio 2005, Maputo Algodão em Moçambique e sua Influência nos Agregados Macroeconómicos;
- Medeiros, Carlos Aguiar - Salário Mínimo e Desenvolvimento Económico, 28 a 29 de Abril de 2005, Instituto de Economia Unicamp - Brasil;
- Ministra da Função Pública para o Telejornal da TVM dia 31 de Agosto de 2012, 20.00 horas;
- PARP 2011-2014 de 3 de Maio de 2011;
- Plano Director do Caju –Instituto de Fomento de Caju (INCAJU) Ministério de Agricultura, Maputo, Dezembro de 2011.



Av. Patrice Lumumba, 178 - Maputo  
MOÇAMBIQUE

Tel. + 258 21 328894  
Fax + 258 21 328895  
[www.iese.ac.mz](http://www.iese.ac.mz)